

A FORMAÇÃO DOCENTE NO CURSO DE PEDAGOGIA DA FURG: UMA ANÁLISE A PARTIR DAS VOZES DAS ACADÊMICAS

Robrson Silveira da Silva¹
Jorge da Cunha Dutra²

Resumo: O presente trabalho tem como objetivos pesquisar o perfil dos sujeitos que optam pelo Curso de Pedagogia da FURG e identificar suas expectativas a respeito da graduação escolhida. Como ferramenta metodológica para a coleta de dados, escolhemos o questionário, entrevistando as acadêmicas do primeiro e do quarto ano do curso pesquisado. Os dados foram coletados por meio da análise de conteúdos (BARDIN, 2011). Como referencial teórico para o embasamento deste trabalho utilizamos Freire (1996; 2011), Pacheco (2013), Gadotti (2011), Tardif (2002), entre outros. Os resultados encontrados apontaram para um perfil de acadêmicas do curso de Pedagogia que atualmente atuam em diferentes áreas, as quais não estão ligadas à docência. Percebe-se a intencionalidade de fazer a diferença na educação, mas com caráter profissional, negando o assistencialismo. Esta pesquisa permitiu averiguar o quanto necessitamos de diálogo entre docentes e discentes, a fim de que a formação desse novo profissional tenha sentido.

Palavras-chave: Perfil acadêmico. Formação docente. Curso de Pedagogia.

Abstract: This work has as objective the research profile of the subjects who choose the Pedagogy Course, FURG, and expectations about the chosen rate. As a methodological tool for collecting data, the questionnaire was chosen, interviewing the scholars of the first and fourth year of their course. Data analysis will be through content analysis (BARDIN, 2011). A theoretical basis for this study, we used Freire (1996; 2011), Pacheco (2013), Gadotti (2011), Tardif (2002), among others. The results indicated a academic profile of the Faculty of Education, which are currently in different areas which are not linked to teaching. Intentionality It can be seen to make a difference in education, but with professional character, denying welfare. This research allowed to find out how much need of dialogue between teachers and students, so that the formation of this new professional make sense.

Keywords: Academic Profile. Teacher Training. Pedagogy Course.

1 Licenciado em Pedagogia (2014) pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Acadêmico do curso de Psicologia da Faculdade Anhanguera do Rio Grande/RS e cursa a Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela Faculdade Dom Bosco.

2 Licenciado em Pedagogia (2005), pela Universidade Federal do Rio Grande (FURG). Licenciado em Filosofia (2009) pela Universidade Federal de Pelotas (UFPel). Mestre (2010) e Doutor (2014) em Educação pela UFPel. Professor Substituto do Instituto de Educação da Furg. Professor de Filosofia da rede estadual (Seduc/RS).

INTRODUÇÃO

A temática referente à formação docente nos leva a refletir sobre suas variadas abordagens, começando pela formação inicial até os cursos de formação continuada. Dentro dos possíveis temas, as discussões sobre o âmbito da formação inicial de professores nos provocaram inquietações e nos motivaram a realizar a pesquisa que estamos analisando neste artigo. Centrando o nosso foco no curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Federal do Rio Grande (FURG), buscamos saber quem são os sujeitos que optam pelo respectivo curso e quais as perspectivas com relação a sua formação, a fim de saber como estão se constituindo as pedagogas que ingressam e se formam dentro de um curso tão importante para o campo educacional.

Cabe salientar que o presente escrito é fruto do trabalho de conclusão do curso de Licenciatura analisado. Em diálogo com algumas perspectivas teóricas, entendemos que ser pedagogo não é apenas ser professor ou cuidador de crianças, mas sim um educador (COSTA, 2003). Nesse sentido, compreendemos que educar vai além do ensino dos conteúdos programáticos, sendo um eterno aprendizado da vida e para a vida. O ato de educar não se atém apenas a uma formação profissional, mas também à formação social que será desenvolvida com os sujeitos que farão parte do processo educativo.

Sendo assim, o educador vem com o seu conhecimento específico e humano fazendo-se mediador e também ensinando ao aprender e aprendendo ao ensinar (FREIRE, 2011). O educador tem como compromisso primário a ética com o outro e consigo mesmo, para dar sentido e colaborar na construção dos novos saberes dos sujeitos na busca de uma sociedade ideal, sociedade esta que possibilite a inserção com igualdade de oportunidades profissionais e pessoais.

Por esses motivos o presente trabalho tem como objetivo pesquisar quem são os sujeitos que optam pelo Curso de Pedagogia da FURG e quais as suas expectativas a respeito da sua formação. De acordo com a investigação realizada, entendemos esses sujeitos como sendo pessoas que buscam no ensino superior uma oportunidade de melhoria financeira, realização pessoal ou apenas uma formação abrangente e significativa no qual possam firmar-se como profissionais no mercado de trabalho, tendo em vista o amplo mercado no qual poderão atuar. O nosso trabalho visa a compreender suas ideias e concepções em relação à educação e suas aspirações, bem como entender como avaliam a sua própria formação profissional no curso.

Tendo concluído esta apresentação e visando a sua melhor organização, dividimos o nosso artigo em três seções. Na primeira apresentamos a metodologia utilizada na investigação. Na segunda seção, teorizamos sobre a importância do papel do profissional da Pedagogia para o âmbito educacional. Por fim, na terceira seção, realizamos a análise dos dados coletados. Ao final, concluímos o trabalho com as considerações finais.

1 Os caminhos metodológicos trilhados na pesquisa

A presente investigação constituiu-se de uma pesquisa qualitativa e quantitativa (BOGDAN; BIKLEN, 1994; LANKSHEAR; KNOBEL, 2008) e toma por base o estudo de caso (ANDRÉ, 2005), de modo que centramos o nosso foco investigativo em quatro turmas do Curso de Licenciatura em Pedagogia da FURG, sendo uma turma de primeiro ano da manhã e outra da noite e uma turma de quarto ano da manhã e outra da noite. A ferramenta utilizada para a coleta de dados foi um questionário estruturado, com perguntas abertas, que permite ao entrevistado

[...] exprimir seu pensamento pessoal, traduzi-lo com suas próprias palavras, conforme seu próprio sistema de referências. Tal instrumento mostra-se particularmente precioso quando o leque das respostas possíveis é amplo ou então imprevisível, mal conhecido. Permite ao mesmo tempo ao pesquisador assegurar-se da competência do interrogado, competência demonstrada pela qualidade de suas respostas (LAVILLE; DIONNE, 2008, p. 186).

Desse modo, esse instrumento permitiu-nos conhecer o momento atual vivenciado e sentido pelos sujeitos que participaram da pesquisa e que compõem o curso de Pedagogia da FURG.

O nosso contato com os sujeitos investigados iniciou de forma presencial, no segundo semestre de 2014, por meio de visita nas turmas, na qual, de forma sucinta, apresentamos a pesquisa e convidamos os acadêmicos para participarem. Visando a facilitar o acesso dos sujeitos ao questionário, disponibilizamo-lo em duas formas: uma de modo impresso e outra por *e-mail* (solicitou-se o *e-mail* dos membros da turma para o envio das perguntas). Assim, todas as acadêmicas tiveram a possibilidade de participar da entrevista. Nesse contato inicial, enfatizamos que, por questões éticas, o nome delas seria preservado (LANKSHEAR; KNOBEL, 2008).

Para a devolução dos questionários respondidos, estipulamos o prazo de duas semanas, por entendermos que esse período seria suficiente para a conclusão das respostas. Com o intuito de lembrá-las da data de entrega, mantivemos contato por *e-mail*.

Concluído o primeiro contato e após o término do prazo estabelecido, iniciamos a análise dos dados, por meio da análise de conteúdos (BARDIN, 2011). Nesse processo, identificamos entre as estudantes da Pedagogia dos 1º e dos 4º anos, diurnos e noturnos, as suas aspirações a respeito do curso e concepções ao longo do processo de formação.

A escolha pelo primeiro ano se deu pelo nosso intuito de identificar suas perspectivas em relação ao início no curso de formação, saber qual a impressão sobre a profissão docente e o que as levou a optar pela Pedagogia. Com relação ao quarto ano, a escolha ocorreu pois elas poderiam corroborar expondo seu viés com mais propriedade a respeito da proposta de formação que o curso apresenta, visto que estão finalizando a vivência da graduação escolhida. Por fim, em segundo momento, efetuamos um comparativo no que diz respeito aos interesses pessoais

de cada uma para compreender como estão se constituindo as novas profissionais da educação.

2 A Pedagogia e sua formação

Ao longo do processo investigativo do campo educacional, surgem, inúmeros questionamentos, ao entender que a formação é parte fundamental na constituição profissional. Contudo, a formação deverá tratar-se de uma contínua busca pelo saber, ou seja, o indivíduo não se forma, e “sim” se constitui ao longo do processo formativo.

Seguindo essa premissa, a nossa pesquisa está embasada em estudos de educadores que compreendem a educação como um ato político e não só um ato conteudista. Nesse sentido, concordamos com o posicionamento de Freire (1996, p. 116) quando afirma que “Assim como não posso ser professor sem me achar capacitado para ensinar certo e bem os conteúdos de minha disciplina não posso, por outro lado, reduzir minha prática docente ao puro ensino daqueles conteúdos”.

Ademais, entendemos que o nosso papel, enquanto educadores, deve ser trabalhar os conteúdos de modo significativo, fornecendo para os educandos algumas

[...] referências intelectuais que lhes permitam compreender o mundo que os rodeia e comportar-se nele como atores responsáveis e justos. Mais do que nunca a educação parece ter, como papel essencial, conferir a todos os seres humanos a liberdade de pensamento, discernimento, sentimentos e imaginação de que necessitam para desenvolver os seus talentos e permanecerem, tanto quanto possível, donos do seu próprio destino (DELORS et al., 1998, p. 100).

Sendo assim, faz-se necessário que a prática docente permeada pela *educação bancária* (FREIRE, 2011) fique no passado e que o ato de aprender e ensinar tenha um significado para a vida dos estudantes. Dessa forma, acreditamos que muito do

[...] *sofrimento* da professora, do professor, poderia ser evitado se sua formação inicial e continuada fosse outra, se aprendesse menos técnicas e mais atitudes o **que deve saber para ensinar**, a professora deve se perguntar por que ensinar e **como deve ser para ensinar** (GADOTTI, 2011, p. 43). (grifo nosso).

Essa preocupação com a relação coerente entre conteúdo a ser estudado e a valorização e incorporação dos saberes que advêm da experiência, do chão da vida, leva-nos a problematizar o modo como a formação docente está acontecendo na atualidade. Será que os cursos de licenciatura têm formado professores-educadores com essa perspectiva? Nesse sentido, cabe salientar o pensamento de Pacheco (2013, p. 29), o qual afirma que:

A formação transforma-se num processo de consciência do mundo e de elucidação do significado das relações interpessoais, com a instituição e com o saber, e traduz-se na não dissociação do desenvolvimento profissional e do desenvolvimento pessoal.

Ao pensarmos que atualmente as políticas públicas de educação estão voltadas à inserção de sujeitos que historicamente tiveram a educação negligenciada, compreendemos que novos perfis de estudantes começam a ingressar na academia. Destacamos como exemplo a Lei nº 12.711/2012 (BRASIL, 2012), sancionada em agosto de 2012, que garante a reserva de 50% das matrículas em instituições federais de educação superior para estudantes que cursaram o ensino médio na escola pública. Na própria lei, sancionada pela Presidente Dilma Rousseff, podemos ler o seguinte:

Art. 1º As instituições federais de educação superior vinculadas ao Ministério da Educação reservarão, em cada concurso seletivo para ingresso nos cursos de graduação, por curso e turno, no mínimo 50% (cinquenta por cento) de suas vagas para estudantes que tenham cursado integralmente o ensino médio em escolas públicas.

Parágrafo único. No preenchimento das vagas de que trata o caput deste artigo, 50% (cinquenta por cento) deverão ser reservados aos estudantes oriundos de famílias com renda igual ou inferior a 1,5 salário-mínimo (um salário-mínimo e meio) *per capita* [...]

Art. 3º Em cada instituição federal de ensino superior, as vagas de que trata o art. 1º desta Lei serão preenchidas, por curso e turno, por autodeclarados pretos, pardos e indígenas, em proporção no mínimo igual à de pretos, pardos e indígenas na população da unidade da Federação onde está instalada a instituição, segundo o último censo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) (BRASIL, 2012, Art. 1º e 3º).

A lei citada vem oportunizar cada vez mais a inserção dos sujeitos oriundos das mais variadas classes sociais e étnicas na universidade. Desse modo, na busca de uma sociedade igualitária devemos problematizar alguns questionamentos pertinentes: Que profissional eu quero ser? Que tipo de formação desejo obter para me constituir como profissional? Que cidadão desejo formar? Devo ensinar ou apenas transmitir conhecimento?

Nas palavras de Gadotti (2011, p. 26): “Os educadores, numa visão emancipadora, não só transformam a informação em conhecimento e em consciência crítica, mas também formam pessoas”. Nesse sentido, entendemos que o educador está cada vez mais inserido na mudança para uma sociedade igualitária, contudo, com as mudanças promovidas pelas políticas educacionais da atualidade, esse novo profissional emerge de diferentes espaços, carregando consigo experiências tanto de vida como profissionais que diferem das experiências voltadas para a área educacional. A educação vem se constituindo como uma ferramenta libertadora e não mais alienante, como a educação bancária. Isso apresenta-se cada vez mais ligado aos profissionais comprometidos que vêm a somar no sonho de construir uma sociedade mais justa, em que haja a igualdade de direitos para todos que nela vivem.

Essa mudança, em grande parte, conta com a participação do futuro educador que está se formando nas universidades, com novas ideias e concepções acerca da educação, do ensino e da aprendizagem. Porém, algumas vezes, deparamo-nos com casos em que a “prática” não dialoga com a “teoria”. A esse respeito, Gadotti (2011, p. 36) afirma que

O maior desafio desta profissão está na mudança de mentalidade que precisa ocorrer tanto no profissional da educação quanto na sociedade e, principalmente, nos sistemas de ensino. [...] a competência profissional deve ser medida muito mais pela capacidade do docente estabelecer relações com seus alunos e seus pares, pelo exercício da liderança profissional e pela atuação comunitária, do que pela sua capacidade de ‘passar conteúdos’.

A formação profissional de um pedagogo vai além do simples ato de dar aula ou de ser “mais um professor”. Ser pedagogo atualmente é comprometer-se social e profissionalmente, é estar atento ao seu tempo, criando relações com seus pares, motivando os alunos com a qualidade no seu ensino. Ser pedagogo é estar dotado de criatividade, criticidade e sensibilidade para que sua matéria-prima (as pessoas) seja potencializada para apreender com significado e jamais alienar-se ao sistema engessado que impede a mudança para o *ser mais* (FREIRE, 2011). Ser pedagogo é compreender que a aprendizagem dos estudantes será mais significativa quando o novo conhecimento, que será aprendido, passa a incorporar as estruturas cognitivas dos estudantes ao estabelecer algumas relações com o

[...] seu conhecimento prévio. Ao contrário, ela se torna mecânica ou repetitiva, uma vez que se produziu menos essa incorporação e atribuição de significado, e o novo conteúdo passa a ser armazenado isoladamente ou por meio de associações arbitrárias na estrutura cognitiva (PELIZZARI et al., 2008, p. 32).

Outro ponto importante a ser destacado é o fato de que estar formado em Pedagogia não limita o sujeito a ser um profissional exclusivo à sala de aula, mas lhe possibilita usufruir de um enorme e diversificado campo de atuação. Como exemplo, lembramos de algumas instituições que necessitam de profissionais formados nesse campo profissional, como a Fundação de Atendimento Educativo (FASE/RS, 2011), que, em 2011, abriu concurso para o preenchimento de vagas nessa área, e a Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais (FHUMIG, 2014), a qual destina vagas exclusivas para os graduados em Pedagogia. O que se pode afirmar, a partir desses dois concursos, é que lhes são de diferentes segmentos, tratando-se o primeiro da segurança pública e o outro da área da saúde. Isso permite ao pedagogo que não deseja atuar como docente a utilizar-se da sua graduação para se inserir no mercado do trabalho em diferentes ramos, que não somente a regência na sala de aula, visto que as próprias Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Pedagogia, licenciatura, definem que:

O curso de Licenciatura em Pedagogia destina-se à formação de professores para exercer funções de magistério na Educação Infantil e nos anos iniciais do Ensino Fundamental, nos cursos de Ensino Médio, na modalidade Normal, de Educação Profissional na área de serviços e apoio escolar e em outras áreas nas quais sejam previstos conhecimentos pedagógicos.

Parágrafo único. As atividades docentes também compreendem participação na organização e gestão de sistemas e instituições de ensino, englobando:

I - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de tarefas próprias do setor da Educação;

II - planejamento, execução, coordenação, acompanhamento e avaliação de projetos e experiências educativas não-escolares;

III - produção e difusão do conhecimento científico-tecnológico do campo educacional, em contextos escolares e não-escolares (BRASIL, 2006, Art. 4º).

Dessa forma, além dos dois campos de atuação citados, podemos encontrar outros, como: segurança pública, técnico em assuntos educacionais, trabalho em empresas, entre outros.

3 A identidade dos novos discentes da academia

A análise dos dados foi feita tomando por base a análise de conteúdos (BARDIN, 2011). Por meio desse método de análise, realizamos a categorização das respostas dos entrevistados. É importante salientar que “a categorização é feita em duas etapas: a primeira é o *inventário*, em que se isolam os elementos destacados e a segunda é a *classificação*, a qual consiste em dividir esses elementos impondo certa organização sobre os mesmos” (DUTRA, 2014, p. 100). Seguindo esse método organizacional, elaboramos estratégias para que as informações fossem categorizadas com facilidade, a fim de obter maior precisão no que tange ao cruzamento dos dados coletados. Sendo assim, foram criadas categorias e subcategorias para melhor analisar as informações pertinentes à pesquisa.

Deste modo, para iniciar a nossa análise, traçamos o perfil pessoal dos sujeitos que frequentam o Curso de Pedagogia³. Em seguida realizamos um resumo sobre como as acadêmicas percebem a sua formação, entre outras questões que veremos no decorrer do trabalho.

Tomando por base os questionários que foram respondidos, tivemos a participação de 22 acadêmicas dos 1º anos e 10 dos 4º anos, totalizando 32 entrevistadas⁴. As respostas foram esclarecedoras no que tange às expectativas em relação à formação docente, como também sobre a educação de um modo geral.

Como mencionado anteriormente, o instrumento utilizado foi o questionário, visando as primeiras questões a traçar o perfil dos sujeitos pesquisados, o qual originou o quadro abaixo:

3 De onde surgiu o Quadro 1, analisado no decorrer desta seção.

4 Dos 32 sujeitos participantes, apenas dois são do sexo masculino. Por esse motivo, nos referimo-nos ao gênero das pessoas entrevistadas como sendo “feminino”, tomando por base a predominância desse gênero no quantitativo total de participantes.

Quadro 1 – Perfil acadêmico

Informação	Percentual	
	Sim	Não
Cursou o magistério (Curso Normal)?	38%	62%
Faixa etária maior que 30 anos?	46%	54%
Desejava a Pedagogia como primeira opção no SISU?	44%	56%
Possui alguma experiência com educação escolar?	25%	75%
Profissão atual está relacionada com a docência?	19%	81%

Fonte: Dados dos autores.

Conforme o Quadro 1, fica claro que os sujeitos que cursam Pedagogia são bem diversificados. Primeiramente, percebemos que 62% das entrevistadas não vieram do magistério. Esse dado demonstra que a maioria não procura uma formação continuada, mas uma formação inicial. Outro ponto que merece ser mencionado foi os 46% das acadêmicas com idade superior a 30 anos, que retornaram para a sala de aula na busca de uma graduação de nível superior, trazendo consigo experiências e maturidade.

Segundo as análises do questionário, é possível aferir que, dentre as entrevistadas com mais de 30 anos, havia pessoas que eram “do lar”, outras que voltaram a estudar depois de criar os filhos, ou até mesmo para aprender a lidar com o seu progenitor, fora as que realmente entraram para a qualificação e realização profissional.

Observou-se também que 56% não desejavam Pedagogia como primeira opção no Sistema de Seleção Unificada (SISU). Ou seja, a nota do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) foi a possibilidade de ingresso na universidade, porém a Pedagogia não foi uma escolha, mas uma consequência devido à nota alcançada, para boa parte das entrevistadas.

Consideramos interessante também o fato de que 75% das entrevistadas não têm experiência com o universo da educação escolar. Para finalizar a análise do quadro, foi questionado sobre a atual profissão. Para essa questão, 81% das entrevistas responderam que sua atividade não está relacionada com a docência, o que leva a perceber os diferentes sujeitos com suas especificidades e intenções que estão constituindo o curso de Pedagogia.

Analisando a fala das entrevistadas, percebemos que nem sempre os seus professores utilizaram nas suas aulas uma linguagem que possa ser entendida entre as novas discentes. A falta de percepção sobre o ingresso de pessoas que emergem de outros campos sociais que não estão ligados à educação escolar pode causar, muitas vezes, desinteresse nas pessoas que já não esboçavam desejo pela docência (GADOTTI, 2011). Isso pode acarretar, conseqüentemente, um número expressivo de desistência ao longo do curso de Pedagogia da FURG, como ocorreu, por

exemplo, com a turma que ingressou no ano de 2011⁵, a qual tinha 45 acadêmicas e apenas 16 concluíram a sua formação no curso.

Dando continuidade à pesquisa, questionamos acadêmicas sobre sua escolha em relação ao Curso. Conforme as respostas das entrevistadas, grande parte não optou pela Pedagogia como primeira opção. Dentre essas, 56% desejavam ter outra graduação que não se relacionava com esse curso. A seguir citamos algumas das suas respostas:

Não, pois ainda não tinha conhecimentos claros sobre o curso e porque minha primeira opção era o curso de Educação Física. No entanto, não tinha claro para mim qual curso colocar como primeira opção, mas sabia que a área da educação me chamava a atenção (Entrevistada 1 – 4º ano).

Não, foi a segunda. A minha primeira opção era Psicologia, mas a nota não me deu a oportunidade (Entrevistada 2 – 4º ano).

Este ano sim. Decidi que queria fazer Pedagogia na segunda opção (Entrevistada 3 – 1º ano).

Não, porque minha primeira opção foi Direito (Entrevistada 4 – 1º ano).

Conforme as respostas, fica claro que a opção pela docência não foi uma preferência entre as entrevistadas, os quais ingressaram no ensino superior por causa da nota que alcançaram no Enem. Esse fato nos leva a indícios de que isso pode se refletir na notória evasão dentro do curso, visto que, ao passar dos anos, as acadêmicas podem perceber que não era esse tipo de formação profissional que desejavam.

No decorrer da entrevista, perguntamos: *Como avalia a sua formação no curso de Pedagogia?* Algumas das respostas foram as seguintes:

Satisfatória, até o momento. Sinto e senti, no decorrer do curso, muita falta de mais disciplinas práticas. O curso me parece muito voltado à teoria. Agora, no período do estágio, a prática faz muita falta (Entrevistada 17 – 4º ano).

Avalio como uma boa formação, mas que poderia ter sido mais completa. Sempre fica a sensação de que algo está faltando (Entrevistada 18 – 4º ano).

Acredito que o curso apresenta algumas deficiências e eu não me dediquei totalmente, devido ao fato de trabalhar e ter que desempenhar outras funções. Porém, avalio minha formação como satisfatória e como somos seres em permanente formação, ainda há muito o que aprender (Entrevistada 19 – 4º ano).

Essas respostas mostram o quanto as acadêmicas sentem falta da relação entre a parte teórica e a parte prática, o que não deveria ocorrer visto que a Pedagogia significa “a teoria e a prática da educação” (LIBÂNEO, 2002, p. 162). Segundo Costa (2003, p. 9), a teoria e o “método são fundamentais, mas perdem sua razão de ser quando desvinculada da prática”.

5 Dados obtidos por meio de pesquisa pessoal na instituição foco deste estudo.

Entre outros problemas, uma das entrevistadas relatou que percebe carência de discussões a respeito da temática da “inclusão”, sentido uma falta de preparo para essa realidade nas escolas.

Para visualizar e contextualizar esse panorama, destacamos que apenas 28% das entrevistadas consideram a sua formação entre ruim a satisfatória, comparada com as 66% que a consideraram boa ou excelente. Mesmo com algumas deficiências, o curso é bem avaliado por grande parte das entrevistadas. Do total de entrevistadas, 6% não souberam avaliar a sua formação⁶.

Em resposta a essas questões, é importante salientar que, para o ano de 2015, o curso de Licenciatura em Pedagogia da FURG reformulou a sua estrutura curricular, atendendo, em grande parte, ao que foi mencionado pelos sujeitos da pesquisa. Para as acadêmicas que vão concluir o curso nos próximos anos, haverá, por exemplo, a inserção de mais disciplinas voltadas para o campo da prática docente, desde o início do curso, e novas disciplinas que abarcam a inclusão escolar⁷, entre outras questões. Essas mudanças qualificarão cada vez mais a formação das futuras profissionais.

Diante dos dados encontrados, percebemos que a formação no curso apresenta um aspecto peculiar, devido ao grande ingresso de pessoas que não possuem formação no curso normal. Segundo os dados, 62% informaram não ter feito magistério e 75% não ter experiência relacionada à área da educação escolar. Tais informações fortalecem a ideia de que está surgindo um perfil de professores que não percebe a docência como pura vocação, mas que prioriza o profissionalismo na sua formação. Consideramos isso como um fator positivo, visto que a defesa pela “docência como vocação” esconde

[...] um artifício que tem por objetivo a manutenção das formas dominantes de poder e, como conseqüência, o rebaixamento da qualidade do ensino e da aprendizagem. Na realidade, trata-se de uma revanche ideológica do explorado. Revanche, é bem verdade, conformista! Uma revanche, isto é, um consolo, um doce, uma colher-de-chá autoprotetora e autovalorativa diante do descrédito e do abandono inflingido ao trabalho pelas autoridades. Tudo se passa como se o professor dissesse a si mesmo: ‘É verdade, sou mal pago, minha escola está abandonada, não tenho nem cartilhas para ensinar, mas pelo menos exerço um trabalho sagrado’. E essa sacralização do trabalho numa sociedade crescentemente secular e burocrática e profissionalmente organizada, que visa a eficiência e a qualificação técnica, é que é de caráter ideológico e prolonga a lenta agonia do ensino básico neste país (HAGUETTE, 1991, p. 115).

6 Estes dados não estão presentes no Quadro 1, pela forma de sua organização, a qual difere dos marcadores “sim” e “não”.

7 Essas informações podem ser obtidas por meio dos quadros de Sequência Lógica, QSL 241115 e QSL 242115, do Curso de Licenciatura em Pedagogia, da FURG, que podem ser obtidos no *site* <www.furg.br> (caminho: Ensino / Graduação / Nível de ensino: Graduação – Licenciatura / Cursos: Pedagogia – Licenciatura – Diurno ou Pedagogia – Licenciatura – Noturno).

Nesse sentido, é importante percebermos a educação como “profissão”, em que a luta por melhores condições de trabalho prevalece sobre a “aceitação passiva” da precarização que a educação pública do nosso país vem sofrendo nos últimos anos.

Com relação a outro dado, perguntamos às acadêmicas: *Como você, futura docente, percebe a educação no Brasil?* Elas responderam:

Percebo que os projetos de governo buscam uma educação que visa muito à quantidade e não à qualidade, mas o bom disso tudo é que existe a discussão das propostas, o que para mim significa que nada está fechado e tudo pode ser modificado. Ai há esperança de termos cada vez mais um olhar com carinho para a educação (Entrevistada 9 – 4º ano).

Vejo cada vez mais a educação em nosso país como algo deixado de lado e muitas vezes tratado como algo secundário, onde [sic] a maior preocupação muitas vezes é alcançar metas e objetivos propostos pelo governo ou por avaliadores externos, sem se preocupar, efetivamente, em garantir a apropriação de conhecimentos, com bons recursos disponíveis e professores capacitados e valorizados (Entrevistada 10 – 4º ano).

Acredito que as pessoas estão começando a se conscientizar de que educação não é privilégio, mas sim direito de todos e, portanto, todos estão exigindo o direito de estar na escola. Falta começarem a exigir a qualidade no ensino (Entrevistada 11 – 4º ano).

Esquecida! Muito se fala da importância da educação e de investir nessa área, mas pouco se faz. É complicado entender a lógica das pessoas – tudo em nosso país é mais urgente que a educação (Entrevistada 12 – 4º ano).

Nesta questão, consideramos mais prudente avaliar somente as respostas das entrevistadas do 4º ano, pois, como estão por concluir sua graduação, encontram-se mais próximas de ingressar, profissionalmente, na rede escolar. As entrevistadas 9, 10 e 12 compartilharam da ideia de que a educação está em crise e que o Governo continua maquiando a sua intencionalidade, visando apenas ao quantitativo e deixando de lado o qualitativo, importando-se apenas com os índices numéricos das avaliações. Entretanto, como mencionou a entrevistada 11, as pessoas já estão se conscientizando sobre seus direitos em ter uma educação de qualidade. Isso se reflete nos novos educadores em formação, que, tendo essa percepção, poderão atuar com afinco e exercendo a sua profissão para qualificar e potencializar a capacidade dos seus educandos na busca pelo melhor exercício da cidadania.

Com relação aos investimentos na educação, percebemos a conquista dos 10% do Produto Interno Bruto – PIB, aprovado na meta 20 do Plano Nacional de Educação (BRASIL, 2014), como algo muito positivo e que tende a contribuir com a melhora tanto estrutural como na formação dos docentes dos variados níveis educacionais de nosso país. Caberá à sociedade controlar a aplicação desse recurso, para que consigamos alcançar essa meta até o final do decênio, que termina em 2024.

Dando continuidade às entrevistas, perguntamos: *Pretendem atuar como educadoras após a conclusão do curso?*

Sim, com certeza é o que gosto de fazer e pretendo ir muito longe nessa área (Entrevistada 13 – 4º ano).

Pretendo, pois mesmo sendo uma profissão pouco valorizada, foi a que optei por seguir e ainda acredito em um dia em que a educação receberá o devido valor. Além do que, trabalhar com pessoas e suas formações é algo que me deixa muito satisfeita (Entrevistada 14 – 4º ano).

Talvez sim. Ainda penso em fazer uma especialização para atuar além da sala de aula (Entrevistada 15 – 1º ano).

Não, porque após a conclusão do curso pretendo fazer outra graduação (Entrevistada 16 – 1º ano).

Revelando os novos sujeitos que aderiram ao curso pela nota do Enem, ainda há incerteza a respeito do futuro, pois algumas desejam outra graduação. Contudo, dentre as entrevistadas, podemos identificar aquelas que optaram pelo curso por se identificarem com a docência, ou aquelas que, ao longo do curso, foram se constituindo educadoras. Isso fica explícito nas respostas das entrevistadas 13 e 14, respectivamente.

Por outro lado, observamos que as entrevistadas 15 e 16 encontram-se em dúvida sobre sua identidade profissional e área de atuação. Acreditamos que isso se deva ao fato de estarem no primeiro ano e ainda não encontrarem estímulos que as façam desejar, efetivamente, a docência.

Tendo concluído a parte analítica de nosso trabalho, encaminhamo-nos para as considerações finais. Nesta discorremos sobre o resultado da pesquisa e a conclusão diante das respostas encontradas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo traçado nesta pesquisa permitiu-nos averiguar que, além de políticas públicas, é preciso mais diálogo entre professores e acadêmicos, a fim de que a formação desse novo profissional não se atenha a uma única direção (a saber, a docência na educação básica). Consideramos importante que essa formação possa se expandir e atingir ao máximo o seu objetivo, que é levar os sujeitos a *serem mais*, a transpor o inédito viável (FREIRE, 2011), visando a emancipar as pessoas que serão atendidas pelas profissionais que se formarão no Curso.

Dos dados encontrados, destacamos novamente o fato de que boa parte das acadêmicas do curso – equivalente a 75% – não teve experiência com a docência e 62% não são oriundas do Curso Normal. Esses dados nos levam a refletir sobre a diversidade de sujeitos que constitui o Curso de Pedagogia e que essa diversidade não pode ser ignorada, visto que, se o curso fizer sentido para essas acadêmicas, teremos mais pessoas desejosas de trabalhar na área educacional, o que ocasionará grandes ganhos para o campo da educação em nosso país, em uma época em que a procura por cursos de licenciatura diminui cada vez mais no Brasil (JUSTINO, 2015).

Acreditamos, contudo, que uma das alternativas que pode corroborar para melhor formação seria a ampliação do curso, oferecendo para quem se interessasse, em um possível quinto ano, conteúdos que direcionassem para a qualificação

nas áreas de Gestão, Pedagogia Hospitalar, Recursos Humanos, entre outras mencionadas anteriormente, dando liberdade de escolha às acadêmicas. A visão das acadêmicas entrevistadas mostrou que o olhar sobre a educação não deve estar preso à sala de aula, pois o educar não se restringe somente à escola, mas a diferentes espaços, como a família, a comunidade, entre outros.

Observamos, portanto, que a Pedagogia pode ser incluída atualmente em diferentes ambientes, como nas empresas, nos hospitais, nos órgãos públicos que carecem de um profissional que possa trabalhar o aprendizado de forma múltipla, isto é, não somente tecnicista, mas com um saber mais amplo que inclui os pensamentos no âmbito da psicologia, da sociologia, da gestão, das políticas públicas, da história, entre outros. O pedagogo com essa formação multidisciplinar é um diferencial no mercado atual. O que devemos entender dentro da Universidade é que está surgindo novo profissional da educação, o qual também precisa se adequar às inúmeras demandas do mercado de trabalho. Nesse sentido, defendemos o posicionamento de que

A docência, como aprendizagem da relação, está ligada a um profissional especial, um profissional de sentido, numa era em que aprender é conviver com a incerteza. Daí é necessidade de se refletir hoje sobre o novo papel do professor, as novas exigências da profissão docente, principalmente da formação continuada desse profissional (GADOTTI, 2011, p. 30).

Os novos sujeitos trazem para a sua profissão suas características, suas crenças e suas experiências de vida, para que possam ser somadas aos saberes acadêmicos, corroborando na sua formação docente. Nesse sentido, salienta-se a fala de Gadotti (2011 p. 31) quando afirma que “[...] hoje não tem mais sentido a existência de um profissional que se limita a reproduzir o conhecimento e a cultura que outros desenvolveram. O professor hoje precisa ser capaz de **criar conhecimento**”.

Nesse sentido a pesquisa pôde identificar, com os sujeitos participantes da investigação, as suas diferentes vozes com suas especificidades, seus pensares e seus objetivos de formação. Os dados coletados apresentaram grande relevância e deram uma forte consistência à pesquisa. A respeito disso, um último dado que merece destaque foram os 81% que não atuam profissionalmente na área da educação e exercem outras atividades profissionais, como: secretaria, serviço militar, atividade autônoma, do lar, serviço público, entre outras. Esse dado confirma o fato de que outras experiências e outras aprendizagens vivenciadas ao longo da vida podem ser incorporadas na profissão docente. Diante desse cenário, pode-se detectar que o que surge entre os entrevistados é um sentimento “menos vocacional” e “mais profissional” na escolha da profissão. Essa constatação reforça o argumento de Tardif (2002, p. 262) quando afirma que, “Em seu trabalho, um professor se serve de sua cultura pessoal, que provém de sua história de vida e de sua cultura escolar anterior”.

Ao longo da pesquisa, percebemos que palavras como direitos, deveres, qualidade, comprometimento, esperança, conhecimento, amor e respeito foram apontadas como base constitutiva do professor-educador, como também o diálogo com o aluno e seus colegas. É importante que seja indispensável para o profissional

da educação estar disposto ao novo, à reciclagem de suas “verdades”, a estar ávido ao inédito viável, à renovação constante de sua prática dentro e fora dos arredores escolares, visto que:

[...] a profissão docente tem um componente ético essencial. Sua *especificidade* está no compromisso ético com a emancipação das pessoas. Não é uma profissão meramente técnica. A competência do professor não se mede pela sua capacidade de ensinar – muito menos ‘lecionar’ – mas pelas possibilidades que constrói para que as pessoas possam aprender, conviver e viver melhor (GADOTTI, 2011, pp. 37-8).

Com a realização desta pesquisa, acreditamos ter sanado algumas inquietações no que se refere ao nosso objetivo proposto, na medida em que conseguimos identificar quem são os sujeitos que optam pelo curso de Licenciatura em Pedagogia da FURG. Dessa forma, podemos afirmar que eles são, na sua maioria, pessoas que ingressaram no curso influenciadas pela nota do Enem. São pessoas que atuam profissionalmente em outras áreas e que pretendem migrar para a educação, trazendo consigo vivências singulares e percebendo na educação uma possibilidade de mudança importante, em direção a uma sociedade melhor.

Por fim, acreditamos que os sujeitos que contribuíram com a pesquisa nos trazem informações importantes que contribuem para se pensar a formação das pedagogas nos cursos de ensino superior, para que seja possível preparar essas profissionais da melhor maneira, a fim de que adentrem no campo profissional não somente com uma visão de docência na educação básica, mas que possam sentir-se seguras dentre as inúmeras áreas de atuação para as quais o respectivo curso habilita nos variados âmbitos do mercado de trabalho de nosso país.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Estudo de caso em Pesquisa e Avaliação Educacional**. Brasília: Líber Livro Editora, 2005.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. Tradução de Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. 1ª reimpressão da 1ª edição de 2011. São Paulo: Edição 70, 2011.

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari Knopp. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução a teoria dos métodos**. Tradução de Maria João Alvarez, Sara Bahia dos Santos e Telmo Mourinho Baptista. Porto: Porto Editora, 1994.

BRASIL. **Lei nº 13.005, de 25 de junho de 2014**: Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, 2014. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13005.htm>. Acesso em: 02 jun. 2015.

_____. **Lei nº 12.711, de 29 de agosto de 2012**: dispõe sobre o ingresso nas universidades federais e nas instituições federais de ensino técnico de nível médio e da outras providências. Brasília, 2012. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2012/lei/112711.htm>. Acesso em: 13 out. 2014.

_____. **Resolução CNE/CP nº 1/2006**: institui Diretrizes Curriculares Nacionais para o Curso de Graduação em Pedagogia, licenciatura. Brasília, 15 mai. 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/cne/arquivos/pdf/rcp01_06.pdf>. Acesso em: 02 jun. 2015.

COSTA, Atilene Corrêa da Silva. **Diferenças entre professor e educador**. Monografia. Curso de Psicopedagogia – Universidade Cândido Mendes, 2003. Disponível em: <<http://www.avm.edu.br/monopdf/6/ALTILENE%20CORREA%20DA%20SILVA%20COSTA.pdf>>. Acesso em: 15 dez. 2014.

DELORS, Jacques et al. **Educação: um tesouro a descobrir: relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI**. Tradução de José Carlos Eufrázio. São Paulo: Cortez; Brasília: UNESCO, 1998.

DUTRA, Jorge da Cunha. **A relevância da Filosofia como disciplina escolar no currículo do ensino médio**. 330f. Tese (Doutorado em Educação) – Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, 2014.

FASE/RS. Fundação de Atendimento Sócioeducativo - RS. **Edital de Processo Seletivo para Contratação Emergencial**. 2011. Disponível em: <<http://www.pciconcursos.com.br/concurso/fase-fundacao-de-atendimento-socioeducativo-rs-85-vagas>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

FHUMIG. Fundação Hospitalar do Estado de Minas Gerais. **Processo seletivo simplificado - REGULAMENTO FHEMIG Nº 04/2014**. 2014. Disponível em: <<http://www.pciconcursos.com.br/concurso/fhemig-fundacao-hospitalar-do-estado-mg-231-vagas>>. Acesso em: 10 nov. 2014.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **Boniteza de um sonho: ensinar-e-aprender com sentido**. 2 ed. São Paulo: Instituto Paulo Freire, 2011.

HAGUETTI, André. Educação: bico, vocação ou profissão? **Educação & Sociedade**, n. 38, abr. 1991.

JUSTINO, Guilherme. Cursos de licenciatura enfrentam queda na procura em todo o Brasil. **Zero Hora**. ZH Educação. Porto Alegre, 02 jul. 2015. Disponível em: <<http://zh.clicrbs.com.br/rs/vida-e-estilo/educacao/noticia/2015/07/cursos-de-licenciatura-enfrentam-queda-na-procura-em-todo-o-brasil-4793025.html>>. Acesso em: 23 jul. 2015.

LANKSHEAR, Colin; KNOBEL, Michele. **Pesquisa Metodológica: do projeto à implementação**. Tradução de Magda França Lopes. Porto Alegre: Artmed, 2008.

LAVILLE, Christian; DIONNE, Jean. **A construção do saber: manual de metodologia da pesquisa em ciências humanas**. Tradução de Heloísa Monteiro e Francisco Settineri. Reimpressão 2008. Porto Alegre: Artmed; Belo Horizonte: UFMG, 2008.

LIBÂNEO, José Carlos. **Pedagogia e pedagogos: para quê?** 6 ed. São Paulo: Cortez, 2002.

PACHECO, José. **Escola da Ponte: formação, e transformação da educação**. 5 ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

PELIZZARI, A. et al. Teoria da Aprendizagem Significativa segundo Ausubel. **Rev. PEC**. Curitiba, v. 2, n. 1, p. 37-42, jul. 2001-jul. 2002. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000012381.pdf>> . Acesso em: 03 jul. 2015.

TARDIF, Maurice. **Saberes docentes e formação profissional**. 7.ed. Petrópolis: Vozes, 2002.